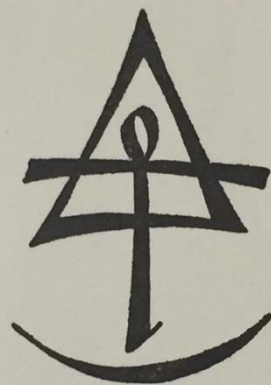


LVMEN

REVISTA DE CULTURA DO CLERO



LISBOA

JANEIRO

MCMLIX

DIRECTOR: **Mons. Dr. Avelino Gonçalves**

CHEFE DA REDACÇÃO
Dr. A. Alves de Campos

EDITOR
Dr. Sezinando Oliveira Rosa

PROPRIEDADE DA **UNIÃO GRÁFICA**

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO: Campo dos Mártires da Pátria, 43 — LISBOA

Assinatura anual (pag.º ad.º) Continente, Ilhas, Ultramar e Brasil: 50\$00 — Estr.o: 60\$00 Avulso: 7\$50

REVISTA MENSAL DE CULTURA PARA O CLERO

SUMÁRIO

Carta Pastoral do Episcopado	5-14
M. J. P. — Sacramentais (Notas Canónico-Pastorais)	15-19
AGOSTINHO DE ALMEIDA ALVES — Questões paroquiais (A execução dos Legados Pios)	20-26
ALBANO DA COSTA VAZ PINTO — Perspectivas sociais da evolução do mundo rural (no futuro)	27-36
ALFREDO ESTEVES — Considerações sobre o humanismo cristão ...	37-45
Documentação: Primeira mensagem Natalícia de S. S. João XXIII; Mensagem de Natal de S. Em. ^a o Cardeal Patriarca de Lisboa	46-53
Actos Episcopais: <i>Angola</i> — Exortação Pastoral do Episcopado de Angola; <i>Diocese de Coimbra</i> — Bodas de Prata da Acção Católica Portuguesa; <i>Diocese de Portalegre e Castelo Branco</i> — Provisão	54-68
Consultas: Das dezenas metálicas; Do uso do Pálio	69-70
Do que se pensa e se escreve: Um Congresso de Missões Paroquiais; Pio XII, um grande e bom homem; Um método apologético para os tempos actuais; Os Bispos espanhóis convidados a «proibir todas as experiências dos padres operários»	71-76
Livros e Leituras: André Malraux	77-80
Bibliografia	81-84

DIRECTOR: **Mons. Dr. Avelino Gonçalves**

CHEFE DA REDACÇÃO

Dr. A. Alves de Campos

EDITOR

Dr. Sezinando Oliveira Rosa

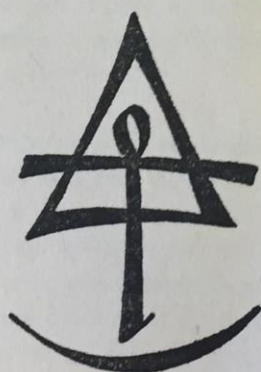
REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO: Campo dos Mártires da Pátria, 43 — LISBOA

Assinatura anual (pag.º ad.º) Continente, Ilhas, Ultramar e Brasil: 50\$00

Estrangeiro: 60\$00. Avulso: 7\$50

LVMEN

REVISTA DE CULTURA DO CLERO



Ano XXIII

1959

Vol. XXIII

Composto e impresso na Tip. UNIÃO GRÁFICA — Rua de Santa Marta, 48 — LISBOA

BIBLIOTECA
CIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

PERSPECTIVAS SOCIAIS DA EVOLUÇÃO DO MUNDO RURAL

No futuro

Perspectivas comunitárias de amanhã

Bem definidas já hoje na vida profunda e íntima do mundo rural as exigências de que acabámos de falar, a pergunta natural é esta: satisfeitas essas exigências, onde se irá parar?

Estamos incontestavelmente mais perto agora das *perspectivas sociais da evolução do mundo rural* do que há pedaço quando perguntávamos quais elas seriam.

1.º — *Vitória só da razão ou do homem todo? Economia da razão ou economia humana?*

A dupla tendência existe. Vingará a ideia dos socialistas e liberais do *homo oeconomicus*?

Deixará o homem organizar-se *de fora*, como instrumento e objecto de riqueza, inteligente, sim, mas capaz de ir dominando, orientado pelas leis positivas?

Ou vamos viver numa sociedade de homens *humanos*, com inteligência, vontade e coração, sujeito de leis naturais indestrutíveis e *vingativas*, onde as comunidades, quaisquer que sejam, respeitarão o homem todo?

Se houver quem encaminhe e oriente e ilumine e ajude — tremenda responsabilidade a nossa, *luz do mundo e sal da terra!* — a vitória será do homem total, senhor da economia e da riqueza, senhor da natureza que Deus lhe pôs nas mãos para a levar à perfeição, continuando assim a obra da criação.

2.º — *Isolado ou em comunidade? Vida unitarista ou pluralista?* — Três hipóteses se podem fazer olhando o caminho que as coisas levam.

a) — O reino do homem, ser absoluto que pode e deve viver só — pois se basta — não precisando de se associar porque não precisa de ninguém.

É o chamado *atomismo social* que leva à anarquia, pregando a suficiência.

b) — A 2.ª hipótese — o *monismo social* — caíu no extremo oposto. O homem não é nada, não passa de um número, pouco pode e esse pouco só o consegue arregimentado, em comunidade comandada, governada.

c) — Entre estas duas hipóteses extremas, situa-se a tese pluralista. O homem para se realizar precisa de grupo, de se associar para em comunidade poder desenvolver as suas capacidades e remediar as suas fraquezas. Só a hipótese pouco pluralista salvará o homem. Vingará esta? Salvar-se-á o homem? Ou caminhará para a ruína e para a morte?

A primeira comunidade a defender, a fazer vingar, é a família — «*célula ínfima no espaço, indefinida no tempo, depositária de domínio, de bens, costumes, tradições, cultura e religião, célula preciosa pelo espírito de sobrevivência, célula íntima onde os membros se amam, se ajudam, vivem uns para os outros*» (Laloup e Nelis).

Compreende-se facilmente a luta que o inferno lança contra a família e o empenho com que o Santo Padre nos fala dela como indispensável para salvar o mundo rural de amanhã.

Anima a criação de grupos científicos, recreativos, religiosos, culturais e as associações profissionais, partidos políticos que se imponham e imponham ao Estado o cumprimento do seu dever e a própria comunidade internacional, pela qual a Igreja se tem batido.

A tendência pluralista é uma exigência da vida que não se pode viver sem amor e este não existe sem haver, pelo menos, duas pessoas, como diz Santo Agostinho.

3.º — *Nem besta, nem anjo: homem* — Pascal dizia: «qui veut faire l'ange, fait la bête». Cuidado!

Nem o «*espiritualismo sem matéria, nem o materialismo sem espírito*».

Técnica! A deusa dos tempos modernos! Desvendou mistérios e resolveu coisas insolúveis. A sua onipotência tudo resolverá! É assim que muitos pensam e falam.

Pobre técnica! Quanto mal tem feito! Quanto mal faz quando quer ser absoluta!

Nunca, como hoje, o homem viu tão satisfeitas as necessidades e exigências que criou e nunca o desespero, o desgosto da vida, o rondou mais!

Com razão disse Bergson: «As máquinas vieram dar ao nosso organismo uma extensão tão vasta e um poder tão formidável (*sic*), tão desproporcionado à sua dimensão e à sua força que seguramente *il n'en avait rien été prévu dans le plan de structure de notre espece...* Neste corpo desmesuradamente crescido, a alma resta o que era, muito pequena *agora* para o encher, muito *fraca* para o dirigir.

Donde o vácuo entre ele e ela... O corpo crescido espera um *suplemento de alma* e a mecânica exigiria uma *mística*» (1).

Rabindranath Tagore, escandalizado, ferido e cheio de pena, escreve aos ocidentais: Vós não vedes a fealdade mortal que aparece por toda a parte — nas vossas cidades como nas vossas relações — a mesma máscara monótona que não deixa aparecer em parte alguma a *expressão viva da alma*? A morte insinua-se pouco a pouco no campo da vossa civilização...

As vossas fábricas são o triunfo da fealdade e mau gosto porque ninguém teve tempo de lhes dar uma nota de graça... Realizando o infinito material, vós tornastes este mais admirável que nunca; mas isso não nos dá o direito de o possuir... As descobertas são para a humanidade completa e não só para uma parte, para que *Verdade* seja inteiramente honrada, porque, se ela não é bem tratada, esta *Verdade* volta-se contra nós e destrói-nos.

(1) Bergson — *Les Deux sources de la morale et de la religion*, pg. 335.

Não sabemos que mais admirar: se a sinceridade do porte, se o seu amor e respeito pela *Verdade*, que escreve sempre com letra grande, se ainda o perigo por ele apontado.

Gheorghiu escreveu na 25.^a Hora: «Qual é o grande perigo que nos espera?

— O *escravo técnico* (a máquina). Ele é o servidor que nos presta os serviços sem os quais não podemos passar. Os *escravos técnicos* são servidores perfeitos... Mesmo só, eu sinto-me acompanhado deles...

O *autonomismo, a uniformidade, o anonimato*. Os homens, para os ter ao seu serviço, são forçados a conhecer e a imitar os seus hábitos, as suas leis... E assim, sem dar conta, renunciamos às nossas qualidades humanas, às nossas leis próprias. *Desumanizamo-nos*, adoptamos o estilo da vida dos nossos escravos técnicos... *Despreza-se o ser humano. Substitui-se*».

Gheorghiu parece exagerar no que diz; porém, há muito de verdade.

Importa fazer a síntese da mística e da técnica. Uma e outra ao serviço do homem.

Que a técnica facilite, torne mais doce, mais suave, mais bela a vida humana e terá prestado óptimos serviços, os únicos que se lhe devem pedir.

4.^o — A *terra não chega; queremos o Céu: Homens do efémero ou do eterno? Imanentismo ou transcendentalismo?*

Ainda nova hipótese: a vida de amanhã será vivida de olhos no chão ou de olhos no Céu? De outro modo: a vida dos homens será feita de satisfação ou de inquietação?

A terra com o que ela contém saciará o homem, ou quererá ele alguma coisa mais?

Horizontalidade na fraternidade, no prazer do momento presente ou verticalidade na luta contra o transitório pelo eterno, na ânsia do transcendental, no respeito ao Pai do Céu cujo amor se sente e se vive em comunidade de irmãos?

Panem et circenses, preço de morte temporal e eterna, ou a Cruz de Cristo por herança, penhor da vida eterna?

5.^o — A *força do amor* — «O amor, escreve o P. Teilhard de Chardin, tem sido sempre afastado cuidadosamente das construções realistas e positivas do mundo. Importa que nos decidamos haver *nele* a energia fundamental da vida, ou o *único meio* natural em que possa prolongar-se o movimento ascendente da *evolução*».

Aproxima-se o parto de um novo mundo em gestação?

O mundo rural evoluciona precipitadamente?

Queremos um mundo melhor e descobrir perspectivas sociais cheias de esperança?

Façamos *oportune et importune* a sementeira da caridade.

A esta luz nada é impossível, tudo se facilita. Haverá compreensão e estima mútua — vertical e horizontal, o bem comum será obra de todos.

Assim a religião será «uma planta que trepa e não um aerolito.»

Nesta fonte inesgotável — o amor — todos encontrarão a água que mata a sede do progresso, da técnica, da vida moderna. Junto dela se encontrarão todos os homens de boa vontade.

Deus, que é amor e única fonte de amor, será tudo em todos e tudo para todos. Nele os homens encontrarão a raiz da igualdade e a razão das diferenças.

6.º — *Oração* — Bendito seja Deus!

Louvado seja o Senhor.

Esta é a oração espontânea dos nossos alunos cristãos moldados e modelados pelas virtudes teológicas.

Reflectindo em silêncio, meditando diante do Sacrário — as exigências dos nossos contemporâneos, feitas de libertação, elevação e mistério, muito mais do que de miséria e baixaza — sondando as perspectivas do futuro, verifica-se com alegria que na luta que na pessoa do homem o inferno trava contra o Céu, o diabo contra Deus, depois de experiências sem resultado, de tentativas falhadas, como a das asas de cera de Ícaro, quando a vitória parecia definida no *nada*, vemos o mesmo homem a contorcer-se em dores das algemas que forjou, a tentar com desespero na esperança libertar-se de tudo para ser de Deus, só de Deus.

Aborrecido, desgostoso, insatisfeito, ele quer com todas as suas forças encher-se, saciar-se, dar-se sem medo para uma vez cheio do seu Deus — amor da sua vida — voltar a contactar com os seus irmãos para comungar com eles a paz e a alegria, e dar ao mundo material o sentido do eterno, ensinando os homens a dominá-lo, a subjugá-lo a servir-se dele, tirando-lhe tudo quanto ele tem de riqueza.

O mundo material é obra de Deus. Pô-lo ao serviço de um mundo melhor é dever do homem cristão.

Com razão disse Pio XII na *Mensagem Natalícia* de 1956: «Oxalá vós possais preparar aos homens deste tempo uma habitação terrestre que se assemelhe mais ao reino de Deus, reino da verdade, amor de paz, ao qual eles *aspiram* no seu ser mais profundo».

O homem tece a sua história, ou melhor, coopera na realização de uma situação digna do seu objecto e ao mesmo tempo do desígnio do Criador.

O mundo de amanhã

Para amenizar um pouco e terminarmos este trabalho com os pés no chão, imaginemos os fundamentos:

- a) — em tudo quanto dissemos;
- b) — na doutrina social da Igreja que queremos viver e dar a viver;
- c) — nas pequenas experiências feitas aqui e além.

Imaginemos, repito, o mundo daqui a 20 ou 30 anos, à luz da fé, cheios de esperança e confiados na força da caridade.

A vitória de Cristo, de Quem temos promessas, é para nós ponto assente. A Sua Ressurreição garante-nos que tudo acabará em bem e que o Dia do Senhor inaugurará infalivelmente uma vitória total.

Nós não sabemos, diz Sachot, se esta vitória chegará quando tivermos conduzido o mundo ao ponto que Deus lhe marcou ou, então, quando, apesar dos nossos esforços, ele estiver mais longe que nunca (aparentemente) desse estado definitivo.

Há mais quem trabalhe o mundo. Ninguém sabe quem aparentemente o levará consigo.

Aconteça o que acontecer, nós não cruzaremos os braços. Nós sabemos em quem acreditamos. Estamos absolutamente certos que a obra de Deus nem total nem definitivamente será perdida.

As perspectivas sociais de um homem de fé assentam numa perspectiva de Redenção e de salvação do mundo, perspectiva de eternidade.

Caritas nunquam excidit. E a nossa acção terá sempre como único motor a caridade.

1.º — O Reino da Família

A propriedade esfrangalhada nuns lados onde as paredes e as extremas, os caminhos e veredas impossibilitam as culturas e a produtividade necessária ao homem, e a latifundiária, noutros, dá lugar à propriedade que baste, mas baste bem, à exploração feita à medida do homem que é a familiar.

Realizar-se-ão os desejos do Papa:

«Nul'autre groupement de travail n'est aussi adapté que le sien (o da exploração familiar quando é possível) à la vie de famille, en tant qu'unité spirituelle, économique et juridique, et même en ce qui concerne la production et la consommation».

Desta maneira, a família representa o que é durável e que assegura a série das gerações futuras.

2.º — O homem, senhor do mundo material

A propriedade familiar generalizada exige a execução duma técnica racional que os franceses apelidam de *aménagement du territoire*.

O *remembrement* — ou divisão racional da propriedade — é assim definido pelas repartições do Estado: é uma operação que tem por fim a melhoria da exploração agrícola do terreno; ele constitui uma divisão parcelar caracterizada pela criação de parcelas menos numerosas, maiores, adaptadas ao uso da tracção mecânica... É uma operação colectiva feita em escala comercial ou inter-comercial.

É uma operação que modifica profundamente a divisão das propriedades e das explorações...

O *remembrement* está decidido... Esta decisão vai *bouleverser* (voltar de baixo

para cima) a estrutura da exploração agrícola... Importa *concretizar* o que se *sonhara*... É uma operação necessária...

«L'aménagement du territoire» refaz a Geografia. Nivelada os montes e os vales. Muda o leito dos rios. Planta num lado e semeia nos outros. Arranja a terra para os homens que nele devem viver, de modo a terem o indispensável, o suficiente, ou, como disse há pouco Pio XII, arranja as terras sem homens para os homens sem terras.

Vale a pena ir ali abaixo a Badajoz, de longada, para ver e admirar.

O *arranjo do território* (a tradução não diz tudo, mas paciência!) é a renovação da face da terra pelo homem, que assim renovada será *matéria prima* mais digna da efusão do Espírito Santo, o Renovador da verdadeira face da terra, terra nova renovada em Cristo.

O *aménagement du territoire* deve ser feito pelo homem cristão com espírito de fé. Transformar os terrenos, fazer a geografia é continuar a obra de Deus, servir-nos dos seus dons para o bem-estar dos homens.

Se ninguém se sente feliz numa região que morre, importa que cristãmente modifiquemos a vida, as terras, se for preciso, para que se satisfaçam as necessidades da vida.

Importa que isto se faça de um modo realista e fugindo a idealismos tontos.

Vamos ao Evangelho para observar a Cristo. As multidões seguiam-n'O. Porque tinham necessidade de comer, os Apóstolos pediam ao Senhor para as mandar embora, à procura de alimento, e Cristo cheio de amor diz: dai-lhes vós mesmos de comer.

Quem diria? E a comida foi feita dos pães e dos peixes que eles tinham à mão e que Cristo Jesus multiplicou!

O caminho a seguir parece claro: em vez de lamentações e desânimos, fazer render o pouco ou muito que se possui.

Isto exige:

a) Um grande espírito de fé e confiança na Providência de Deus;

b) uma caridade a toda a prova, o Evangelho vivido em obras e palavras.

O cristão não é só um homem de oração mas alguém inquieto pela sorte temporal e eterna dos outros homens.

3.º — *As comunidades rurais*

Incapazes de calcular até onde irá a renovação material da face da terra pelo homem, podemos dizer que o arranjo e a divisão racional dos campos e a exploração familiar, a técnica da cooperação e o ritmo da vida nos levarão às *comunidades rurais*, feitas não só por várias famílias, como também por várias aldeias.

As aldeias nas regiões pobres viverão tão pobres que, a não se associarem, ser-lhes-á impossível a vida.

Importa juntar estas *unidades* — *primárias* — noutras maiores à medida da vida do homem, cujas necessidades não podem ser satisfeitas, num meio restrito, no meio da morte.

Por isso uma das conclusões da Semana Social de Nantes, em 1950, cujo assunto era o mundo rural, rezava:

«Importantíssima será a ajuda mútua entre as explorações familiares.

Esta ajuda mútua *revela-se* como a *maior esperança do mundo rural nas comunidades*».

A tal respeito, são elucidativas estas palavras duma carta da Secretaria do Estado do Vaticano, de 16-3-1957, ao Cardeal Arcebispo de Santiago do Chile, por ocasião do 3.º Congresso da vida rural:

«Com o desenvolvimento da vida das *Comunidades Rurais* poder-se-á mais facilmente conter o êxodo inconsiderado do campo para a cidade, contribuindo assim para uma *estabilidade social* mais firme e favorecendo a criação de uma classe rural *sòlidamente firmada na propriedade da terra*».

As novas estruturas económicas, a reorganização da economia rural, a medida da comunidade humana, as condições de vida social actual exigem *para o futuro* estas comunidades como «sector» primário duma vida *bastante*.

Ouçamos de novo Pio XII numa carta à Semana Religiosa de Coutances, de 5-XII-1955: «*os esforços dispersos* das paróquias são incapazes de manter por muito tempo a fé e os costumes dos nossos fiéis diante das *transformações profundas e rápidas* da vida moderna e particularmente no *mundo rural*, apesar da dedicação do Clero».

Não há dúvida. A comunidade é condição de salvação. Ou as paróquias se unem e vivem, ou não resistem às transformações profundas e rápidas da vida moderna.

4.º — A socialização da vida

A vida vivida em comunidade levará necessariamente ao desenvolvimento, à própria euforia das corporações e de toda a *organização* que, feita pelos homens, à medida das suas necessidades, lhes facilita o trabalho e a vida.

De tal maneira assim será, serão tais as facilidades encontradas e os homens contarão tanto com a ajuda mútua, que o centro da vida rural, depois de ter passado da *Igreja* para a *escola*, (todos querem passar a estar nesta; por aquela muitos se não interessam já, embora noutros tempos mais atrasados não houvesse outro centro) passará da *escola* para a *cooperativa* ou *sindicato* a obra que tudo resolve, que tem poder, e única que se impõe e lhes cuida das coisas.

«Vejo claramente, disse-se há pouco em Coimbra, que os povos da nossa conturbadíssima época *carecem de ser preparados para penosas situações*, situações extremamente *fluídas*; e sinto que o *futuro* não oferecerá *perspectivas tranquilizadoras*,

se a solidariedade social, sinceramente vivida, não iluminar os pensamentos, as palavras e as obras dos homens» (2).

A era do homem social, disse Huxley, segue-se à era do homem *oeconomicus*.

Afirma-o Pio XII: «nesta organização encontrarão a melhor *compreensão* de um *elemento essencial do equilíbrio social*: a *compensação* dos riscos por uma *solidariedade efectiva* de todos os membros duma comunidade» (3).

5.º — Novo tipo de rural

Estas perspectivas sociais da evolução do mundo rural dão-nos um novo tipo de rural. Toda a sua vida será marcada pelo *social e comunitário*. Não haverá no mundo lugar para o egoísmo, para o individualismo.

O *Directório Pastoral em matéria social*, adoptado pela Assembleia plenária do Episcopado francês em 27-4-1954, diz no n.º 299: «o Padre deve ser *sensível à evolução institucional* dos campos que entram numa fase de socialização».

Para sentir, precisa de estar à escuta, adivinhar, ver longe a reforma das estruturas e instituições a partir do homem *tipo novo, social*. *Educar*, disse-se há pouco, é ensinar a viver em sociedade.

Culto, duma cultura nova que mal se adivinha e, a adivinhar-se, dificilmente se aceita, cultura marcada por uma civilização técnica que viveria e morreria senhora de si, sem alma, se os cristãos lha não dessem.

O homem do campo será ao mesmo tempo, como disse Lambert (4), *químico, biólogo, administrador e mecânico*. A *selecção, a hibridação, a inseminação artificial*, já de uso comum nalgumas nações, v. g. Rússia, Inglaterra e Estados Unidos, a *microbiologia dos solos, a cultura acelerada* quase põem o mundo e a vida nas mãos do homem rural.

E aquele que, até aqui, olhava para a criação com respeito e amor, passará a olhá-la como um brinquedo e instrumento de riqueza que ele pode criar a seu belo prazer, se a Igreja não viver *esta vida nova* com ele para lha ensinar a viver em altura.

Culto duma cultura adquirida nos bancos da escola primária e secundária e da Universidade e ainda nas *horas livres* que serão fruto dessa civilização técnica do futuro.

Quando se pensa no trabalho em *série, standardizado* e, fazendo contas, se vê o homem passar do trabalho de sol a sol para o trabalho de 8 horas e para a semana inglesa ou para outra semana com menos horas de trabalho, tem imediatamente de se pensar no que vai fazer o homem nas *horas livres*, que são muitas, e que constituem um dos elementos fundamentais no *género de vida*, segundo Fourastié.

(2) Loureiro, Dr. Fernando Pinto — *Conferência*, cf. *Estudos*, Mar. e Abril, 1958, pg. 167.

(3) Pio XII — *Alocução* de 16-V-1957.

(4) Lambert — *Congresso de L'union des oeuvres*, em Bordeus, 1947, pg. 214.

Imaginemos o que seria hoje na nossa aldeia se, em 7 ou 8 horas de trabalho ou menos, o homem ganhasse o bastante para si, para a família e para economizar.

Os operários com as suas reivindicações conseguiram-no em todas as nações, apesar das diferenças sensíveis na sua situação económica.

Amanhã será a vez dos rurais o conseguirem também.

A quem se tem debruçado sobre o problema, ouvimos nós dizer, em Paris, que o tempo livre seria cuidadosamente organizado e que o homem ocuparia as horas livres a cultivar-se. As artes levarão grande parte do seu tempo.

O gosto pela música, aquilo a que muitos chamam moda e mania, como seja o comprar um gira-discos e todas as semanas mais um disco, é uma necessidade instintiva de bem ocupar o tempo.

A noção de divertimento modifica-se, renova-se. Entendemos por divertimento, como disse Marc Lapie, uma série muito extensa de *actividades humanas*: vigílias, canções, música, passeios, viagens, desporto, baile, cinema, televisão, etc.

O divertimento é uma actividade *complementar do trabalho*, gratuita e alegre. Permite ao homem desenvolver *todas as possibilidades humanas* que não são desenvolvidas no trabalho e permite ainda libertar-se da pressão do mesmo trabalho ⁽⁵⁾.

Falar assim do descanso, das horas livres, é fazer a *teologia* dos divertimentos.

Porque o tempo de descanso é muito, as férias são pagas e o automóvel faz parte da família; porque a vida além não é mais cara do que aqui, sai-se de casa, vai-se passear, corre-se mundo para ver, conhecer e admirar. O mundo é de todos e, porque a todos pertencem as suas belezas, há que explorá-las. E aparece o turismo a cortar as fronteiras e com ele uma indústria nova, novos costumes, influências diferentes, o gosto das bugigangas, lembranças que toda a gente quer levar dos países que visitou.

E a Igreja, se quer agarrar este mundo e acompanhá-lo, tem de vir para a estrada, para o *camping*, para o ar livre, no dizer do Reitor do Instituto Católico de Paris.

E surge-nos um mundo rural aberto, sem fronteiras, que obriga o Padre do campo, como diz o Directório Pastoral no n.º 218, a ter os olhos abertos para as *perspectivas sociais dos outros meios*, porque o mundo rural constitui um verdadeiro *carrefour*, lugar de encontro e encruzilhada.

E porque isto será um facto, precisamos de atentar nos problemas que surgem.

Ao lado do *rural autêntico*, encontraremos um novo tipo de rural, o *rural operário* que ora vive e trabalha *in loco*, ora vive no campo e trabalha na cidade.

E tal será a mistura, que com dificuldade diremos onde acaba o campo e começa a cidade.

A revolução é tão grande e a vida modifica-se tanto que um sociólogo, falando da Bélgica, lhe chama *uma grande cidade*.

(5) Lapie, Marc. — *Cahiers du Clerge Rural*, n.º 188, Maio, 1957, pg. 211.

O novo tipo de homem rural será ao mesmo tempo *profundamente cristão*. A lei das mutações trabalhará a seu favor.

O desejo de sociabilidade e vida comum, a cultura e a técnica, as horas livres com as possibilidades inerentes, dar-lhe-ão o sentido do sagrado e do divino. No temporal descobrirá o eterno, na sua fraqueza a onnipotência de Deus, na inconstância das coisas e pessoas a fidelidade do Senhor Altíssimo.

Não há dúvida! *Providentia tua, Pater, gubernat omnia.*

O progresso das ciências, a técnica, a história, tudo anda a realizar o plano de Deus.

Se um dia as potências infernais se combinarem todas para lutar contra Deus e o seu Cristo, olhando o futuro cujas perspectivas sociais procuramos adivinhar, temos a impressão de que tudo se congrega, sem muitos darem por isso, para o triunfo de Deus e do seu Cristo.

Olhando para diante de olhos fechados e abertos, vemos almas cristãs à sua maneira, ou com desejo de o ser, a querer viver de Deus e para Deus.

Podem alguns ter a impressão de estar longe. Na realidade, não estão. O homem de amanhã surge-nos com uma alma profundamente cristã.

6.º — A Igreja do futuro

O novo tipo de homem rural, social, culto e profundamente crente, será elemento activo duma Igreja essencialmente comunitária, em marcha.

A Missão de França e os Frades Missionários dos campos, ultrapassada já a fase experimental, oficialmente aprovados pela Igreja, queridos, desejados e amados pela hierarquia, onde o leigo e o Padre se dão as mãos no trabalho comum, vivendo a vida das gentes, cujas palpitações procuram auscultar, parecem indicar-nos o caminho.

A insistência com que o Santo Padre nos aconselha a vida em comum e o trabalho em equipa, diz tudo.

7.º — Conclusão.

É tempo de concluir. Para tanto, recordo, de novo, as palavras de Pio XII: deve a Igreja oferecer ao mundo, na medida do possível, as riquezas substanciais da sua doutrina e da sua vida, *animadoras de uma ordem social cristã*.

E formulo o voto de que, na Igreja, em Portugal, *surjam depressa os Padres e os Leigos que em equipas silenciosas se atirem ao estudo em profundidade dos mesmos problemas — como em laboratório — e em equipa experimentem, realizem e vivam a doutrina a pregar, a acção a realizar.*

Albano da Costa Vaz Pinto